

**PERCEPÇÕES E CONCEITOS DE SUSTENTABILIDADE
ENTRE DISCENTES PARTICIPANTES DO PROGRAMA
DE BOLSAS DE EXTENSÃO (PROBEXT) DO
INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA – IFPB**

**BEZERRA, Olga Sueli¹
SALES, Débora de Lima Nunes²**

RESUMO: Foi realizado um levantamento para identificar percepções e conceitos que os discentes do PROBEXT (Programa Institucional de Bolsas de Extensão) possuíam sobre a sustentabilidade nos projetos de extensão de que participavam, no IFPB, Campus João Pessoa, em 2013. Conforme o Edital do Programa, devia haver práticas de sustentabilidade nos projetos; supunha-se, então, que esses discentes conhecessem essa temática - o que foi motivo para essa pesquisa, além da inexistência de disciplina na matriz curricular do IFPB que os auxiliasse em atividades de extensão. Uma revisão bibliográfica sobre extensão, sustentabilidade e jovem, e mudança de comportamento embasou este trabalho. Para introdução à temática, numa conversa informal com os participantes, pesquisaram-se suas expectativas e participação nos projetos; e, para o levantamento da temática, aplicou-se questionário com questões fechadas e abertas. Verificou-se que os estudantes percebiam práticas de sustentabilidade nas atividades de extensão, mas não havia homogeneidade entre conceitos. Suas respostas foram reunidas em oito categorias: ora contemplando aspectos de preservação do meio ambiente pensando nas futuras gerações; ora a sobrevivência versus o equilíbrio com a natureza; ora, ainda, considerando aspectos ambientais, sociais, culturais e econômicos no uso dos recursos naturais, e conceitos mais generalizados como: pensar e agir para ajudar o planeta.

PALAVRAS-CHAVE: Extensão. Juventude e sustentabilidade. Mudança de comportamento.

1 Introdução

No estágio atual de desenvolvimento da humanidade, caracterizado por um ser humano dominador, é urgente redefinir a relação ser humano/natureza. Para isso, a sustentabilidade vem sendo discutida para que o homem substitua suas práticas predatórias por outras em que considere os limites da natureza na dimensão do desenvolvimento econômico, e modifique suas relações na convivência em sociedade.

A sustentabilidade no convívio humano envolve a reorganização da “casa” (a Terra), contemplando: a redução das desigualdades sociais e do consumo exacerbado; a proteção à

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB. Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente, pelo PRODEMA/UFPB - Técnica em Assuntos Educacionais IFPB, olga@ifpb.edu.br.

² Universidade Salvador – UNIFACS - Professora, rededeboranunes@gmail.com.

biodiversidade; a reorganização do binômio crescimento/desenvolvimento, sempre se atentando para a satisfação das necessidades das gerações atuais e das gerações futuras, em relações equilibradas entre o humano e os outros elementos naturais; enfim, aprendizagem da convivência com o outro e com a natureza.

Consciente de rever a relação entre homem e planeta, o IFPB, através de seus projetos de extensão, procura viabilizar a sustentabilidade. No preâmbulo dos editais da Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT) para a seleção de projetos, constam diretrizes que servem de parâmetro para os coordenadores elaborarem-nos. Em 2013, encontram-se as diretrizes da Política Nacional de Extensão Universitária: interação dialógica; interdisciplinaridade e interprofissionalidade; indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; impacto na formação do estudante; e impacto e transformação social. Constam também diretrizes do Fórum de Dirigentes de Extensão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (FORPROEXT). Dentre elas, incentiva-se a prática acadêmica que contribua para o desenvolvimento da consciência social, ambiental e política, formando profissionais-cidadãos; e a participação crítica em projetos que objetivem o desenvolvimento regional sustentável, em todas as suas dimensões.

O IFPB, criado a partir da Lei nº 11.892 de 29 de dezembro de 2008, faz parte da Rede Federal de Educação, Ciência e Tecnologia e tem como missão: “Preparar profissionais cidadãos com sólida formação humanística e tecnológica para atuarem no mundo do trabalho e na construção de uma sociedade sustentável, justa e solidária, integrando o ensino, a pesquisa e a extensão”. Contribui para o desenvolvimento do Estado da Paraíba, pela oferta de Educação Profissional e Tecnológica a sua população. Possui 10 *campi* em funcionamento (João Pessoa, Cabedelo, Campina Grande, Princesa Isabel, Cajazeiras, Sousa, Picuí, Monteiro, Patos, Guarabira) e um Centro de Referência em Pesca e Navegação Marítima (CRPNM), em Cabedelo. Outros cinco *campi* estão em implantação.

Nesse contexto, o trabalho foi realizado com o objetivo geral de conhecer as percepções e os conceitos que discentes bolsistas e voluntários - participantes de projetos de extensão do IFPB - têm de “sustentabilidade”. Como objetivos específicos, buscou-se verificar suas expectativas em relação às atividades de extensão e os motivos pelos quais buscaram desenvolver essas atividades.

Esse trabalho se fez necessário, tendo em vista que, na matriz curricular dos cursos superiores, não havia componente curricular específico que focalizasse a preparação de discentes para atuarem no eixo da Extensão. A partir dos resultados da pesquisa em foco, visou-se promover uma capacitação desses discentes propondo Cursos de Iniciação à

Extensão, contemplando a temática sustentabilidade/meio ambiente/extensão. Ações dessa natureza complementaríamos outras já desenvolvidas pelo IFPB, como, por exemplo, os componentes curriculares: Metodologia da Pesquisa Científica - que auxilia os discentes nas atividades extensionistas -, e Didática - para os discentes de Cursos de Licenciatura, que também os auxilia nessas atividades.

2 A extensão

As primeiras manifestações de ações que podem ser chamadas de extensão nas universidades europeias surgiram na Inglaterra, em Cambridge (1871), sob a forma de Cursos de Extensão (FÓRUM..., 2012, p. 07). Estes influenciaram cursos e conferências na Universidade de São Paulo (1911). Já em Oxford, surgiram como ações em bolsões de pobreza, uma vertente de assistencialismo, característica ainda de algumas ações extensionistas no Brasil. Nos Estados Unidos, as primeiras ações se deram como prestação de serviços; o que influenciou a Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa/MG (1926).

Em 1918, aconteceu a Reforma Universitária de Córdoba (Argentina), podendo ser considerada como um manifesto pela Universidade Latino-americana (FREITAS NETO, 2012). Em uma de suas reivindicações, os estudantes enfatizam a “extensão da Universidade para além dos seus limites e difusão da cultura universitária”.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 4.024, da década de 1960, a extensão se caracterizava por cursos ministrados por docentes e dirigidos, em geral, ao público ligado à própria universidade (NOGUEIRA, 2005, p. 20). Paralelamente, os universitários desenvolviam programação de atividades de extensão, contextualizando os estudantes na vida social através da União Nacional dos Estudantes - UNE, enfatizando a reflexão das ações. Em seguida, alguns programas vinculados aos Ministérios que envolviam os estudantes em atividades de extensão foram o CRUTAC (Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária – MEC) e o Projeto RONDON (Campus Avançado – Ministério do Interior), cujos objetivos estavam a serviço do Estado Militar na perspectiva de desenvolvimento e segurança.

Na década de 1970, Freire questionou o termo extensão na área agrícola, substituindo-o pelo termo comunicação. Teceu críticas à atuação de agrônomos devido a sua postura de se dirigirem ao homem do campo considerando-os inferiores, transmitindo-lhes conhecimentos e técnicas agrícolas. A ação extensionista, neste caso, como sinônimo de

transmissão, doação ou messianismo, transforma o homem em quase “coisa”, negando-o como um ser de transformação do mundo (FREIRE, 1985, p. 22). O termo ‘comunicação’ merece atenção, pois, visto como transmissão de comunicados de um emissor para um receptor, resulta no mesmo equívoco de levar conhecimento de quem sabe para quem não sabe.

Em 1987, foi criado o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), definindo a extensão universitária como: “processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade” (NOGUEIRA, 2005, p. 84). No ano seguinte, a nova Constituição da República Federativa do Brasil, em seu Artigo 207, define o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

O conceito de extensão vem mudando ao longo da história da universidade brasileira, refletindo teorias e ideologias subjacentes ao quadro de profissionais que a constitui, como se dá no relacionamento com as outras funções da universidade – ensino e pesquisa – de forma indissociável (ou não), e dos aparelhos ideológicos dos governos. Não significa dizer, entretanto, que um conceito substitui o anterior, numa hierarquia cronológica; pode-se perceber mais de um conceito, concomitantemente, nos discursos e ações dos profissionais que pesquisam e ou fazem a extensão no Brasil.

Segundo Serrano (s.d.), há pelo menos quatro configurações da extensão:

- A transmissão vertical do conhecimento – universidade dona do saber, que o leva para a população que não tem acesso à universidade, que está em “nível de inferioridade”;
- A ação voluntária sócio-comunitária – surge a perspectiva politizada, ideologizada, com objetivos de mudança social, e há envolvimento com o movimento estudantil (influência dos acontecimentos de Córdoba), questionando práticas universitárias dissociadas dos problemas do povo;
- A ação sócio-comunitária institucional – a extensão sai do voluntarismo, passando a ser ação institucional, regida por normas, como o Decreto 19.851, de 11 de abril de 1931 (Estatuto das Universidades Brasileiras). Nesta, a extensão é uma “via de mão única”: “o que sabe leva conhecimento para quem não sabe”. Nessa configuração, entretanto, a atuação dos movimentos estudantis, especificamente a União Nacional dos Estudantes (UNE - 1937), dá uma nova feição à prática da extensão, possibilitando a reflexão sobre as ações realizadas;

- A função acadêmico-institucional – a extensão se concretiza como uma das funções acadêmicas da universidade a partir da aprendizagem colhida das ações dos movimentos estudantis, subsidiadas pelas ideias de Paulo Freire, assim como pela normatização que trata de educação e extensão universitária, de discussões políticas, sociais, econômicas e pedagógicas. Tem o intuito de se realizar a extensão visando à indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, e entre os saberes acadêmico e popular; à interdisciplinaridade; à produção de conhecimento da extensão; ao financiamento institucional; ao compromisso social da universidade diante da sociedade, subsidiando-a na solução dos problemas da população; e à participação da universidade na elaboração/avaliação de políticas públicas.

3 A sustentabilidade e mudança de comportamento

Na fase atual de desenvolvimento, a conceituação e prática da extensão envolvem a sustentabilidade - qualidade do que é sustentável. Para Morin (2003), é preciso saber que a Terra é um pequeno planeta, e que precisa ser sustentado: o que se constitui um dos sete saberes para a educação do futuro. Esse futuro já começou a ser preparado.

A sustentabilidade, às vezes denominada de desenvolvimento sustentável, é resultado de estudos ao longo da complexa relação entre a humanidade e o meio natural. No Relatório de Brundtland - Nosso futuro comum -, publicado em 1987, a ideia de conservar é apresentada na expressão “desenvolvimento sustentável”, que se traduz em suprir as necessidades da geração atual sem afetar a habilidade das gerações futuras de suprir as suas, um dos conceitos mais conhecidos.

Para Leff:

A sustentabilidade aparece como uma necessidade de restabelecer o lugar da natureza na teoria econômica e nas práticas do desenvolvimento, internalizando condições ecológicas da produção que assegurem a sobrevivência e um futuro para a humanidade (LEFF, 2008, p. 48).

É necessário assegurar a sobrevivência e o futuro não só da humanidade, mas da biodiversidade no planeta. Restabelecer o lugar da natureza implica rever paradigmas, valores e ideologia da modernidade caracterizada pelo individualismo, pelo consumo sem limites por determinadas “fatias” da sociedade, servindo de modelo exclusivo de felicidade plena para o ser humano, a ser seguido pelo resto da sociedade.

Para isso, a temática ‘sustentabilidade’ corporifica um novo paradigma - uma nova experiência de relacionamento do humano com a natureza: somos a vida unificada neste planeta; não significa dizer que devemos voltar a viver como os povos mais primitivos (quando não existia diferenciação entre homem/natureza, homem/cultura), mas que devemos considerar a interdependência entre todas as espécies vegetais e animais, e suas formas de convívio em sociedade. A conhecida resposta atribuída ao cacique Seattle diante da proposta de compra das terras dos índios peles-vermelhas pelo Grande Chefe Branco de Washington, em 1854, é emblemática da relação homem/natureza atual:

[...] Sabemos que o homem branco não compreende nossos costumes. Uma porção de terra, para ele, tem o mesmo significado que qualquer outra, pois é um forasteiro que vem à noite e extrai da terra aquilo de que necessita. A terra não é sua irmã, mas sua inimiga e, quando ele a conquista, prossegue seu caminho. [...] Rapta da terra aquilo que seria de seus filhos e não se importa. [...] Seu apetite devorará a terra, deixando somente um deserto. [...] (DIAS, 2003, p. 518).

O novo paradigma - visão de mundo holística ou percepção ecológica profunda - concebe o mundo como um todo integrado, em que seus fenômenos são interdependentes, em que a humanidade não se distingue da natureza, dominando-a. A ecologia profunda contrapõe-se à ecologia rasa do paradigma que se encontra em questionamento. Os valores desta são antropocêntricos – centralizados no ser humano –, os daquela são ecocêntricos – centralizados na Terra (CAPRA, 2013).

A sustentabilidade – para alguns, mais restrita ao desenvolvimento econômico – deve ser ampliada incluindo outros enfoques, como: sustentabilidade ambiental, social, política, etc. Na educação, por exemplo, a sustentabilidade deve ser um dos temas debatidos em suas práticas no ambiente escolar, com participação em feiras de ciências, em visitas técnicas, em projetos de extensão, etc.

Sabe-se que modelos de desenvolvimento econômico têm relação estreita com a educação. O atual modelo – intenso desenvolvimento tecnológico e extremo consumo de recursos naturais para satisfação de necessidades básicas da população mundial (pouco mais de 7 bilhões) e outras necessidades de acúmulo de bens – está levando o planeta Terra ao seu limite. O cenário desse modelo é de globalização, provocada pelo avanço da revolução tecnológica. Esta é caracterizada pela internacionalização da produção e pela expansão dos fluxos financeiros; globalizadores e globalizados; centro e periferia; os que morrem de fome e

os que morrem pelo consumo excessivo de alimentos; confrontos políticos, étnicos e confessionais (GADOTTI, 2013).

Ainda, seguindo o autor citado em sua ecopedagogia, afirma estarmos em uma encruzilhada entre um caminho Tecnozoico e um caminho Ecozoico. O Tecnozoico é caracterizado pela fé na capacidade da tecnologia em solucionar problemas ambientais, sem mudança no estilo poluidor e consumista exagerado das pessoas; já o Ecozoico leva a uma nova relação das pessoas com a natureza, a uma mudança de comportamento. A sustentabilidade necessita de mudança de comportamento, de outro tipo de consciência – a ecológica –, na qual devemos saber que somos dependentes da natureza, que somos natureza, numa relação complexa: biológica, social, histórica, cultural.

Se a influência é um dos fatores determinantes para a mudança de comportamento de um indivíduo ou de um grupo, precisa-se, então, incluir a temática sustentabilidade em pautas de reuniões e ações governamentais; em discursos e ações políticas; em conversas e ações do dia a dia; nos currículos; nas metodologias de trabalho e nos projetos de extensão; reorganizando a “casa”, para concretizar a necessária mudança de comportamento em benefício da biodiversidade atual e da futura. Faz-se necessário, então, envolver os jovens na perspectiva da sustentabilidade.

O Brasil possui cerca de 50 milhões de jovens, com idade entre 15 e 29 anos (BRASIL, 2013), que buscam assegurar seus direitos e ocupar um lugar no processo de desenvolvimento do país, através de uma profissão/emprego. Segundo uma pesquisa (Dossiê Universo Jovem 4) realizada em 2008, pela MTV Brasil (TV brasileira voltada ao público jovem), com jovens de 12 a 30 anos das cinco regiões brasileiras, as preocupações desses jovens versavam sobre violência, desemprego, drogas, fome, aquecimento global, desigualdade social, sistema de saúde, corrupção, poluição e outros.

Os objetivos dessa pesquisa foram discutir as questões e percepções dos jovens sobre o futuro e conhecer o entendimento que eles têm sobre o meio ambiente; abordar e aprofundar a compreensão do grupo sobre alguns conceitos muito utilizados ultimamente nas escolas, nas empresas e na mídia, tais como: sustentabilidade, desenvolvimento sustentável e consumo sustentável.

Segundo a referida pesquisa, as respostas fornecidas pelos jovens demonstraram seu desconhecimento ou sua dificuldade em determinar o que é sustentabilidade. Associaram-na a ter emprego, se sustentar, ter uma estrutura, ter educação, ter uma faculdade, ter um carro próprio, ter família, se planejar, não desperdiçar, reaproveitar, preservar.

Essa pesquisa estabeleceu cinco categorias para classificar os jovens no nível de conhecimento e engajamento sobre questões de meio ambiente: os comprometidos – conhecem as causas ambientais, falam sobre o assunto com os amigos, têm pais mais conscientes e colocam o conhecimento em prática; os teóricos – possuem mais conhecimento, mas não agem muito de forma consciente como os comprometidos, idealistas com a questão do meio ambiente, são os que mais reivindicam; os refratários – não se importam com o assunto, assumem que não fazem nada pelo meio ambiente e que este é um problema das gerações futuras; os intuitivos – sabem pouco sobre o assunto e afirmam querer saber mais e têm mais ações ecologicamente corretas que os refratários; os eco-alienados são os que menos sabem sobre o meio ambiente e os que menos apresentam ações ecologicamente corretas. Independente do grau de instrução dos jovens pesquisados, eles concordaram que a situação do planeta era séria e que as gerações futuras irão sofrer as consequências, e 83% afirmaram que o homem tem de mudar seu comportamento diante do meio ambiente.

4 Metodologia

Essa pesquisa foi de natureza descritiva, tendo em vista que se realizou a observação, o registro e a análise de um fenômeno sem a interferência do pesquisador quanto ao mérito dos conteúdos. E se apoiou nos estudos quali-quantitativos, pois seus dados foram coletados e analisados, levando-se em conta sua interpretação, sem desprezar a frequência numérica.

Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário composto por perguntas fechadas e abertas, relativas a comportamentos e opiniões que, costumeiramente, percebem-se entre as pessoas, de modo geral, a respeito do trato com a natureza. As questões fechadas continham um enunciado acompanhado de seis alternativas de respostas, das quais o sujeito da pesquisa selecionava apenas uma ou até as seis alternativas, conforme percebia a relação entre o que continha o enunciado e os seis aspectos apresentados. Outra possibilidade de resposta era não assinalar nenhuma das alternativas, no caso em que o sujeito não visse relação entre os enunciados e os aspectos. As questões abertas versavam sobre o conceito que cada um tinha sobre sustentabilidade e a percepção desta nos projetos de extensão em que atuava.

O questionário foi aplicado no mês de julho de 2013, nas dependências do IFPB, campus João Pessoa, pela pesquisadora, em quatro encontros. Além disso, foi utilizada também a técnica de conversa informal, entre a pesquisadora e os sujeitos pesquisados, antes da aplicação do questionário, para registro das respostas às duas perguntas feitas: sobre suas

expectativas em relação à participação em atividades de extensão e sobre os objetivos de sua participação nessas atividades.

Trabalhou-se com a perspectiva de amostragem não probabilística, pesquisando 44 discentes do Campus João Pessoa, envolvidos em Projetos de Extensão - sendo 14 bolsistas e 12 voluntários -; além de 18 discentes voluntários de Programa de Extensão. Esses discentes eram jovens oriundos de diversos cursos: Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental; Licenciatura em Química; Técnico em Edificações; Técnico em Instrumento Musical; Superior de Negócios Imobiliários; Bacharelado em Engenharia Elétrica; Superior de Tecnologia em Geoprocessamento; Técnico em Controle Ambiental; Técnico em Eletrônica; Superior de Tecnologia em Redes de Computadores e Bacharelado em Administração.

As respostas da parte I do questionário foram tabuladas seguindo os critérios de contagem numérica. As respostas da parte II foram agrupadas em categorias pela semelhança entre os conceitos de sustentabilidade apresentados pelos discentes, e as respostas da parte III foram transcritas (relação entre sustentabilidade e projetos de extensão).

5 Resultados e discussão

Na conversa informal, para apreender as expectativas e os motivos pelos quais os discentes buscavam participar de projetos de extensão, eles afirmaram que estavam felizes em terem sido selecionados ou aceitos como voluntários para participarem dos projetos e já estarem atuando.

No que se refere aos motivos, afirmaram que procuravam participar de projetos de extensão no intuito de formar seus currículos (36 respostas); realizar práticas extraclasses (24); unir prática/teoria (32); ter remuneração (21); cumprir carga horária complementar necessária para conclusão do curso (18); deixar-se influenciar por colegas (02); pensar no mercado de trabalho (29); e entrar em contato com pessoas de outras comunidades (17).

No que se refere às percepções de sustentabilidade, como é um conceito sistêmico, apresentaram-se 23 itens com informações contemplando aspectos (cultura, economia, política, educação, meio ambiente, social), que tinham relação com a sustentabilidade. O discente foi convidado a estabelecer as relações de acordo com o que entendia sobre sustentabilidade. O quadro a seguir apresenta os resultados dessas relações.

ITEM		Nº DE RELAÇÕES						
		1	2	3	4	5	6	0
1	O animal que você cria está te dando trabalho, livre-se dele.	16	17	4	3	-	1	3
2	Participar de assembleias, eleições, manifestações públicas etc.	10	11	10	6	2	3	2
3	Acompanhar moda.	21	15	6	1	-	1	-
4	Derrubar uma árvore da sua calçada porque está sujando sua calçada.	17	11	9	1	1	1	4
5	Desligar lâmpadas e aparelhos eletroeletrônicos, ao sair de qualquer ambiente.	12	10	13	6	1	1	1
6	Estádios modernos e reformados para a Copa Mundial.	11	17	10	3	-	3	-
7	Utilização de energias alternativas que poluam menos o ambiente.	11	10	11	6	3	2	1
8	Melhoria nos transportes públicos.	8	14	15	5	-	2	-
9	A felicidade está em consumir.	14	9	15	4	-	1	1
10	Gestão mais eficiente de recursos hídricos.	10	13	10	4	3	3	1
11	Educação ambiental das pessoas.	3	10	13	6	8	4	-
12	Ser é mais importante que ter.	14	13	10	4	1	2	-
13	Problemas na saúde, educação, segurança.	11	9	11	8	3	2	-
14	Garantindo minha sobrevivência, não me importa o resto.	11	17	11	2	-	2	1
15	Plantar árvores e eliminar o desmatamento.	7	15	12	7	1	2	-
16	Satisfazer minhas necessidades, sejam quais forem.	16	17	4	2	1	3	1
17	Ouvir meu estilo musical no volume que quiser.	11	18	8	4	-	1	2
18	Eliminação da pobreza e injustiças sociais.	4	9	10	14	2	2	3
19	Caos na mobilidade urbana.	8	16	15	1	2	1	1
20	Redução na emissão de dióxido de carbono na atmosfera.	13	10	10	7	2	2	-
21	Distribuição desigual de riqueza.	6	12	16	4	4	1	1
22	Eco-92 ou Rio-92 e Rio+20.	8	10	8	9	3	5	1
23	Participação em projetos de extensão.	6	6	11	10	4	7	-

Quadro 1 – Relação item/aspectos. Fonte: questionário.

Elaborou-se um parâmetro para servir de guia na análise dos resultados: o discente que estabeleceu uma ou duas relações (assinaladas com X), em cada item, percebia pouco a abrangência sistêmica da sustentabilidade; três ou quatro relações estabelecidas, nível médio de percepção; para cinco ou seis relações, intensa percepção da abrangência sistêmica da sustentabilidade - o que pode ser traduzido como: as atitudes e a forma de viver/conviver estão inter-relacionadas, podendo ser contempladas nos seis aspectos apresentados no questionário.

Item 1 – foram estabelecidas até duas relações com mais frequência (16 respostas para uma relação; 17 respostas para duas relações). Cultura e educação foram os mais assinalados. Dos 44 discentes questionados, apenas 9 marcaram o aspecto meio ambiente, neste item.

Item 2 – foram estabelecidas até três relações mais frequentes (10, 11, 10 respostas para 1, 2 e 3 relações, respectivamente). O aspecto política foi o mais assinalado, seguido com pouca expressão os aspectos: cultura, educação, social.

Item 3 – foram estabelecidas até duas relações com mais frequência (21 e 15 respostas para 1 e 2 relações, respectivamente). O aspecto cultura foi o mais assinalado, seguido com menor expressão pelo social e educação. Apenas um discente marcou o aspecto meio ambiente.

Item 4 – foram estabelecidas até três relações com mais frequência (17, 11 e 9 respostas para 1, 2 e 3 relações, respectivamente). O aspecto meio ambiente foi assinalado por 24 dos discentes; educação, cultura e social foram marcados com menos expressão.

Item 5 – foram estabelecidas até três relações com mais frequência (12, 10 e 13 respostas para 1, 2 e 3 relações, respectivamente). Os aspectos mais assinalados foram educação, economia e meio ambiente; cultura e social apresentaram-se com pouca expressividade.

Item 6 – foram estabelecidas até três relações com mais frequência (11, 17 e 10 respostas para 1, 2 e 3 relações, respectivamente). Política e economia foram os aspectos mais marcados, seguidos de social e educação com pouca expressividade.

Item 7 – foram estabelecidas até três relações com mais frequência (11, 10 e 11 respostas para 1, 2 e 3 relações, respectivamente). A maioria marcou o aspecto meio ambiente, seguido de educação e economia com pouca expressividade.

Item 8 – foram estabelecidas duas e três relações com mais frequência (14 e 15 respostas para 2 e 3 relações, respectivamente). Economia, política e social foram os aspectos mais assinalados. Apenas 9 discentes estabeleceram relação com o meio ambiente.

Item 9 – foram estabelecidas uma e três relações com mais frequência (14 e 15 respostas para 1 e 3 relações, respectivamente). Os aspectos mais relacionados foram: cultura, economia e social. Apenas três relacionaram o meio ambiente.

Item 10 – foram estabelecidas até três relações com mais frequência (10, 13 e 10 respostas para 1, 2 e 3 relações, respectivamente). Economia, política e meio ambiente foram os mais assinalados, seguidos por educação e social.

Item 11– foram estabelecidas duas, três e cinco relações com mais frequência (10, 13 e 8 respostas, respectivamente). Os aspectos mais assinalados foram educação e meio ambiente; seguidos dos aspectos: social, cultura e economia. Este item foi assinalado de formas mais diversas.

Item 12 – foram estabelecidas até três relações com mais frequência (14, 13 e 10 respostas para 1, 2 e 3 relações, respectivamente). Cultura, educação e social foram os aspectos mais marcados, seguidos de meio ambiente e economia com pouca expressividade.

Item 13 – foram estabelecidas até quatro relações com mais frequência (11, 9, 11 e 8 respostas para 1, 2, 3 e 4 relações, respectivamente). Os aspectos mais marcados foram política, educação e social, seguidos de economia, educação, meio ambiente.

Item 14 – foram estabelecidas até três relações com mais frequência (11, 17 e 11 respostas para 1, 2 e 3 relações, respectivamente). Cultura, educação e social foram assinalados, mas não muito expressivos. As relações foram bem diversificadas neste item.

Item 15 – foram estabelecidas duas e três relações com mais frequência (15 e 12 respostas para 2 e 3 relações, respectivamente). Os aspectos mais assinalados foram educação e meio ambiente, seguidos por cultura, social e economia.

Item 16 – foram estabelecidas até duas relações com mais frequência (16 e 17 respostas para 1 e 2 relações, respectivamente). Cultura, educação e social foram assinalados, mas não muito expressivos.

Item 17 – foram estabelecidas até duas relações com mais frequência (11 e 18 respostas para 1 e 2 relações, respectivamente). Cultura, educação e social foram mais assinalados; meio ambiente foi marcado onze vezes.

Item 18 – foram estabelecidas duas, três e quatro relações com mais frequência (9, 10 e 14 respostas, respectivamente). Os aspectos mais marcados foram economia, política e social, seguidos de educação. Apenas quatro perceberam relação entre este item e o aspecto meio ambiente.

Item 19 – foram estabelecidas duas e três relações com mais frequência (16 e 15 respostas, respectivamente). Economia, política e social foram os mais assinalados.

Item 20 – foram estabelecidas até três relações com mais frequência (13, 10 e 10 respostas para 1, 2 e 3 relações, respectivamente). A maioria assinalou meio ambiente; outros aspectos marcados, mas de forma menos expressiva, foram: economia, política e educação.

Item 21 – foram estabelecidas duas e três relações com mais frequência (12 e 16 respostas, respectivamente). Economia, política e social foram os mais assinalados.

Item 22 – foram estabelecidas até quatro relações com mais frequência (8, 10, 8 e 9 respostas para 1, 2, 3 e 4 relações, respectivamente). Os aspectos foram bem diversificados - ora assinalaram política e meio ambiente, ora economia, política e meio ambiente, ora só meio ambiente. Para este item, estabeleceram com mais frequência mais de uma relação.

Item 23 – foram estabelecidas três e quatro relações com mais frequência (11 e 10 respostas, respectivamente). Cultura, educação e social foram mais assinalados; alguns assinalaram todos os aspectos; outros, cultura, educação, meio ambiente e social; este item teve formas diversificadas de marcação.

As respostas da parte II do questionário (O que é sustentabilidade para você?) foram agrupadas em oito categorias pela semelhança entre os conceitos:

- A. Garantir o sustento, a sobrevivência sem degradar o meio ambiente (quatro respostas). Os discentes desta categoria perceberam a importância da necessidade de sobrevivência apenas da humanidade, da geração atual, em harmonia com o meio ambiente. Nota-se que animais não foram incluídos, nem as futuras gerações foram contempladas, demonstrando uma visão do momento atual.
- B. Uso racional dos recursos naturais, reuso, preservação do meio ambiente pensando nas futuras gerações (catorze respostas). Os conceitos dos discentes desta categoria mostram a importância da preservação, incluindo a perspectiva dos 3R (reduzir, reciclar, reutilizar), pensando-se nas gerações futuras; ficaram excluídos os animais. Subentende-se que as gerações atuais devam adotar esse uso racional.
- C. Levar em consideração aspectos ambientais, sociais, culturais, econômicos e políticos no uso dos recursos naturais (oito respostas). A visão dos discentes deste grupo ultrapassou a simples presença de elementos da natureza no planeta; consideraram aspectos das relações dos humanos entre si e dos humanos com o ambiente que o circunda.
- D. Levar em consideração aspectos ambientais, sociais, culturais, econômicos no uso dos recursos naturais, pensando nas futuras gerações (uma resposta). Este grupo representado por um discente se restringiu a pensar nesses aspectos, mas não atentou para as gerações atuais em preservar o meio ambiente, nem os outros elementos da natureza - o foco são as gerações futuras.
- E. Levar em consideração aspectos ambientais, sociais, culturais, econômicos no uso dos recursos naturais, pensando nas presentes e futuras gerações (uma resposta). Esse discente reuniu as presentes e futuras gerações no empenho do uso dos recursos naturais, enfatizando os aspectos que se devem levar em consideração na relação homem/natureza.
- F. Relação correta do ecologicamente correto, do socialmente justo e do economicamente viável nos empreendimentos, nas ações (uma resposta). Embora não tenha explicado mais detalhadamente seu conceito (parecendo mais uma máxima da sustentabilidade), dessa resposta pode-se inferir que a relação da geração atual com a natureza é equilibrada, subentendendo-se que as gerações futuras também serão beneficiadas.

- G. Levar em consideração aspectos da sociedade, visando ao bem-estar social do ser humano (cinco respostas). Neste grupo de respostas, é nítida a percepção antropocêntrica, visto que só foi levado em consideração o bem-estar social da geração atual.
- H. Categoria com respostas mais abrangentes (nove respostas), a exemplo de “Sustentabilidade é o projeto que gere o próprio mantimento, sem buscar outros recursos”, “Sustentabilidade é algo que se sustente, perspectiva de durabilidade com benefícios a longo prazo”, “Forma de ajudar o planeta”, “Pensar e agir para ajudar o mundo, os outros e principalmente a si”. Percebe-se que são conceitos que apresentam termos técnicos da linguagem utilizada na área econômica (recursos, mantimento, benefícios, longo prazo, durabilidade), além de conceitos que utilizam expressões utilizadas mais na área ambiental (ajudar o planeta).

Embora os conceitos de sustentabilidade dos discentes pesquisados do IFPB ainda necessitem de um elemento ou outro que demonstre a amplitude desse conceito, percebe-se que suas respostas estão mais abrangentes se comparadas às dos jovens pesquisados pela MTV: os discentes do IFPB, de uma forma geral, relacionaram a sustentabilidade à preservação do meio ambiente, à utilização racional dos recursos naturais pensando nas atuais e nas futuras gerações, considerando aspectos ambientais, culturais, sociais, econômicos e políticos na utilização desses recursos - percebe-se uma visão de longo prazo; enquanto que os jovens pesquisados pela MTV focalizaram mais o aspecto do bem-estar individual - material e não material - como ter emprego, se sustentar, ter uma estrutura, ter educação, ter uma faculdade, ter um carro próprio, ter família, se planejar; embora incluam aspectos com relação a não desperdiçar, reaproveitar, preservar. Apesar de a visão de longo prazo estar presente, seus conceitos de sustentabilidade estão mais relacionados ao futuro individual desses jovens. Em ambas as pesquisas, percebem-se indícios de antropocentrismo: no caso dos discentes do IFPB, as futuras gerações são lembradas - especificamente, as humanas; no caso dos jovens da MTV, as gerações atuais são lembradas - especificamente, as humanas. As outras espécies são negligenciadas - vegetais e animais.

A parte III do questionário pretendia saber se o discente que atuava em Projetos de Extensão percebia algum aspecto de sustentabilidade no seu Projeto. Os discentes percebiam e explicaram esses aspectos relacionando-os aos objetivos dos Projetos: de economia de materiais na construção civil; de pesquisa de energias limpas; de difusão junto ao mercado imobiliário de imóveis construídos com produtos ecológicos; de empreendedorismo com base no respeito ao meio ambiente; de percepção ambiental, através da educação ambiental, junto a comunidades ribeirinhas de florestas, de pescadores e de marisqueiras, de visitantes de parque municipal, possibilitando a elaboração de políticas públicas; de difusão do conhecimento

científico gerado na universidade; de capacitação de pessoas na área digital, na perspectiva de inclusão no mundo do trabalho; de capacitação de trabalhadores, subsidiando-lhes nas relações trabalhistas; de capacitação de pessoas tanto no nível individual (lidar com estresse) quanto no nível coletivo nas relações interpessoais; de 3R (reduzir, reciclar, reutilizar).

6 Considerações finais

Os resultados deste trabalho mostram que ainda há fragmentação do conhecimento, conforme associação que os discentes estabeleceram entre itens apresentando ações, valores, políticas, eventos e problemas da realidade e aspectos como: cultura, economia, política, educação, meio ambiente e social. Isso reflete o paradigma vigente em nossa sociedade: universo visto como um sistema mecânico composto de peças justapostas; o ser humano como dominador da natureza e esta como fonte inesgotável de recursos para satisfazer suas necessidades; binômios antagônicos como sujeito/objeto, ciências biológicas e exatas/ciências humanas etc. Ficou claro que os discentes percebem a sustentabilidade de forma sistêmica, mas não tão abrangente. Seus conceitos foram diversificados desde noções mais gerais, como “forma de ajudar o planeta”; passando por equilíbrio entre as formas de sobrevivência da humanidade sem degradar o meio ambiente - ora incluindo apenas o humano, ora incluindo as outras espécies -, até levar em consideração aspectos como: o social, o ambiental, o econômico, o cultural e o político na busca desse equilíbrio. Nenhuma das respostas foi suficientemente completa para incluir outras noções na definição de sustentabilidade como a sobrevivência de todas as espécies (animal, vegetal), sem degradar o meio ambiente, respeitando seus limites, buscando uma nova relação entre humanos e as outras espécies; outra forma de desenvolvimento, considerando aspectos próprios da forma de viver em comunidade do ser humano (social, cultural, econômico, político, ético etc.), pensando nas atuais e futuras gerações - um conceito sistêmico, macro e de longo prazo.

Percebeu-se que a sustentabilidade estava presente nos projetos de extensão em que atuavam os discentes, a partir dos objetivos desses projetos e das ações mencionadas pelos mesmos. Sabe-se que a extensão, enquanto atividade acadêmica em forma de projeto, propõe-se a interligar o ensino e a pesquisa com as demandas dos diversos segmentos da sociedade. Vai na contramão da fragmentação do conhecimento, estabelecendo uma relação dialógica entre o saber acadêmico e o saber popular e constitui-se no compromisso social das instituições de nível superior para a busca da superação das desigualdades sociais. Além disso, os projetos de extensão devem possibilitar ao discente contato com comunidades além

da acadêmica, para que ele tenha a oportunidade de unir a teoria estudada em sala de aula à prática concernente, permitindo-lhe o entendimento de como questões da realidade social, econômica, educacional, cultural, política e ambiental se entrelaçam; o que contribuirá de maneira significativa para sua formação.

Embora oficializada por legislação específica e contemplada na Constituição Federal, a extensão ainda não tem o destaque necessário, talvez em decorrência do paradigma vigente que separa os saberes e fragmenta o conhecimento, privilegiando mais o ensino e a pesquisa. Um dos destaques da extensão universitária é que oferece subsídios para a elaboração de políticas públicas, dentre outras, nas áreas de saúde, educação básica e preservação do meio ambiente.

Para a preservação do meio ambiente, a temática sustentabilidade corporifica um novo paradigma. Sendo a satisfação de necessidades do ser humano das gerações atuais, sem comprometer as necessidades das futuras gerações, a sustentabilidade invoca outro olhar do humano diante de si e diante das outras espécies: uma ecologia profunda, outro comportamento em sociedade, em que o ser seja importante por si só, independente do ter, e que a felicidade não seja confundida exclusivamente com o consumir. Uma sociedade em que as pessoas tenham direito de expor seus pensamentos, sem discriminação por quaisquer diferenças que apresentem em suas crenças, cor de pele, idade, cultura, região onde mora, ou qualquer outra diferença. Uma sociedade em que o humano não se considere o centro do universo.

Os discentes envolvidos nos projetos de extensão, sejam bolsistas ou voluntários, eram jovens, e uma das características do perfil da juventude é ter sensibilidade para envolver-se em processos de mudança. Se bem orientados em sala de aula, na pesquisa e nas atividades de extensão, estes jovens terão oportunidade de perceber que a realidade está constituída de aspectos interconectados e que o conhecimento é interdisciplinar, não acontecendo de forma fragmentada.

PERCEPTIONS AND CONCEPTS ON SUSTAINABILITY BETWEEN STUDENTS PARTICIPATING IN THE SCHOLARSHIP EXTENSION PROGRAM (PROBEXT) IN FEDERAL INSTITUTE OF PARAIBA – IFPB

ABSTRACT: A survey was conducted to identify perceptions and concepts that students of PROBEXT (Institutional Scholarship Program by Extension) had about sustainability in extension projects that they had participated in the IFPB Campus João Pessoa, in 2013. According the Notice Program, sustainability practices should happen in projects; therefore, it was assumed that these students knew this notice - which was the reason for this research,

besides the lack of courses in the IFPB's curriculum that would help in extension activities. A literature review on extension, sustainability and youth, and behavior change was the base of this work. For an introduction to the topic, a research about their expectations and participation in projects was lead through an informal discussion with participants, and, to survey the topic was applied a questionnaire with closed and open questions. It was found that students perceived sustainability practices in extension activities, but there was not homogeneity between concepts. Their responses were grouped in eight categories: contemplating aspects of preserving the environment for future generations; the survival versus balance with nature; considering environmental, social, cultural and economic aspects in the use of natural resources; and more general concepts such as: thinking and acting to help the planet.

KEY-WORDS: Extension. Youth and sustainability. Behavior change.

Referências

BRASIL. **Políticas Públicas de Juventude 2013**. Secretaria Nacional de Juventude. Disponível em: <<http://www.juventude.gov.br/documentos/cartilha-politicas-publicas>> Acesso em: 10 jun. 2013.

CAPRA, Fritjof. **Ecologia profunda: um novo paradigma**. Disponível em: <<http://www.agenda21empresarial.com.br/arquivo/1260207542.7656-arquivo.pdf>> Acesso em: 10 jun. 2013.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO (CMMAD). **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/12906958/Relatorio-Brundtland-Nosso-Futuro-Comum-Em-Portugues>. Acesso em: 14 set. 2012.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental: princípios e práticas**. 8. ed. São Paulo: Gaia, 2003, p. 518.

FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS (FORPROEX). **Política Nacional de Extensão Universitária**. 31., 2012, Manaus, 2012, p. 07. Disponível em: <http://www.renex.org.br/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao-Universitaria.pdf> . Acesso em: 14 set. 2012.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 22.

FREITAS NETO, José Alves de. **A reforma universitária de Córdoba (1918): um manifesto**. Disponível em: <<http://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/noticia.php?id=18>>. Acesso em: 14 set. 2012.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra e cultura de sustentabilidade**. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rle/n6/n6a02.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2013.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 48.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2003.

MTV. **Dossiê Universo Jovem 4**, 2008. Disponível em:
<http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/atitude/conteudo_420177.shtml>. Acesso em: 10 jun. 2013.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. **Políticas de extensão universitária brasileira**. Belo Horizonte: UFMG, 2005, p. 20.

SERRANO, Rossana Maria Souto Maior. **Conceitos de extensão universitária**: um diálogo com Paulo Freire. Disponível em:
<http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf>. Acesso em: 14 set. 2012.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO PARA DISCENTES BOLSISTAS/VOLUNTÁRIOS DO PROBEXT 2013-IFPB

“Sustentabilidade em Projetos de Extensão do IFPB”

() BOLSISTA () VOLUNTÁRIO

CURSO: _____

I – Marque com X o(s) aspecto(s) que se relaciona(m) com cada um dos 23 itens abaixo (cada item pode ter mais de um aspecto relacionado).

		ASPECTOS					
		Cultura	Economia	Política	Educação	Meio Ambiente	Social
1	O animal que você cria está te dando trabalho, livre-se dele.						
2	Participar de assembleias, eleições, manifestações públicas, etc.						
3	Acompanhar moda.						
4	Derrubar uma árvore da sua calçada porque está sujando sua calçada.						
5	Desligar lâmpadas e aparelhos eletro-eletrônicos, ao sair de qualquer ambiente.						
6	Estádios modernos e reformados para a Copa Mundial.						
7	Utilização de energias alternativas que poluam menos o ambiente.						
8	Melhoria nos transportes públicos.						
9	A felicidade está em consumir.						
10	Gestão mais eficiente de recursos hídricos.						
11	Educação ambiental das pessoas.						

12	Ser é mais importante que ter.						
13	Problemas na saúde, educação, segurança.						
14	Garantindo minha sobrevivência, não me importa o resto.						
15	Plantar árvores e eliminar o desmatamento.						
16	Satisfazer minhas necessidades sejam quais forem.						
17	Ouvir meu estilo musical no volume que quiser.						
18	Eliminação da pobreza e injustiças sociais.						
19	Caos na mobilidade urbana.						
20	Redução na emissão de dióxido de carbono na atmosfera.						
21	Distribuição desigual de riqueza.						
22	Eco-92 ou Rio-92 e Rio+20.						
23	Participação em projetos de extensão.						

II - O que é sustentabilidade para você?

III - Você percebe algum aspecto da sustentabilidade no Projeto em que atua?

Sim

Não

Explique por quê: